

# Pronto-socorro faz paciente esperar seis horas

Esta é a rotina do Hospital Regional de Ceilândia, único para atender os 500 mil habitantes

Fotos: ADAUTO CRUZ



O atendimento no pronto-socorro do HRC é tão grande como o do HBB. Para algumas cirurgias, a espera pode chegar a um ano

Os pacientes que procuraram o pronto-socorro do Hospital Regional de Ceilândia ontem foram obrigados a esperar até seis horas na fila por uma consulta, o que gerou revolta entre os pacientes. A dona-de-casa Josefa Braga Santos, levando no colo seu filho Carlos, de dois anos, com vômitos e diarreia, não se conformava em esperar mais para ser atendida. Sem alternativa, porém, decidiu continuar na fila, já que os centros de saúde não funcionaram.

Como a comunicação de que os centros de saúde deveriam funcionar normalmente ontem só chegou a Ceilândia no final da tarde de sexta-feira, quando o expediente já havia sido encerrado, os funcionários não ficaram sabendo da decisão da Secretaria. Segundo alguns pacientes, entretanto, não adianta procurar os centros de saúde, pois as filas são iguais às do pronto-socorro do HRC.

— Já tentei mais de uma vez ser atendida no centro de saúde nº 8, ficando na fila desde as 4h da madrugada. Não consegui. Na semana passada levei meu filho de três anos para uma consulta e novamente não consegui. Acabei trazendo o menino ao pronto-socorro, onde fiquei esperando mais de quatro horas pelo atendimento. Hoje vai ser a mesma coisa — desabafou, desanimada, a dona-de-casa Creuza Leite, residente da QNP 15 conjunto R casa 44, acompanhada da filha doente.

Ao seu lado, Antônia Rabello, com o filho de um ano, tinha reclamações se-

melhantes: “O pior é a demora, mas nada tenho a reclamar dos médicos”, observou, frisando ser demorado até mesmo o atendimento burocrático, já que apenas um funcionário cuidava de fazer as fichas dos pacientes que são atendidos sem triagem prévia.

Procurando tratamento para a filha de nove meses, a gestante Neli Rodrigues disse ter “horror a pronto-socorro”, em consequência da demora do atendimento. “E a segunda vez que venho aqui e pelo que estou vendo nada mudou. Na minha opinião faltam médicos”.

## IGUAL AO HBB

De acordo com o diretor do Hospital Regional de Ceilândia, Silvio Carlos Duarte, não há falta de médicos no pronto-socorro, mas em toda a regional. Ontem pela manhã no pronto-socorro haviam cinco médicos na clínica médica, três na cirurgia geral, quatro na ginecologia e obstetria e quatro na pediatria. “Não adianta colocar mais médicos, porque a área física do setor não comporta”, disse Silvio Carlos, lembrando que o HRC hoje não é suficiente para atender a demanda de pacientes.

O atendimento do setor de emergência do HRC se equipara ao do Hospital de Base. Em julho deste ano, por exemplo, foram registrados 20 mil 395 atendimentos na emergência do HRC, enquanto a emergência do HBB atendeu 19 mil 135 pacientes. Em agosto, a situação não foi diferente: o pronto-socorro do HRC atendeu 19 mil 557 pacien-

tes, contra 21 mil 800 do HBB.

O diretor do hospital disse ainda que o HRC — hoje com deficiências que vão desde a falta de médicos e enfermeiras até insuficiência de deitos — não oferece atendimento secundário, como prevê o sistema de saúde do DF, uma vez que faltam especialidades de apoio naquela unidade, como neurologia, gastroenterologia e mesmo ortopedia.

O atendimento atualmente se restringe à clínica médica, cirurgia geral, ginecologia e obstetria, pediatria, dermatologia, cardiologia e psiquiatria. Em algumas delas, como a cirurgia ginecológica, cuja demanda é muito grande, as pacientes chegam a esperar mais de um ano para ser operadas.

No entender do diretor, a carência de médicos é maior nas áreas de clínica médica e pediatria, ao ponto de leitos terem sido desativados na enfermaria de pediatria por falta de médicos, apesar da grande demanda de pacientes. O problema se estende a outros setores, como a maternidade, onde só existem 44 leitos, enquanto a média de nascimentos é de 23 crianças por dia.

Na opinião do médico Silvio Carlos, a Ceilândia necessita de 700 novos leitos hospitalares. A construção de mais um hospital com capacidade para 200 leitos, como quer o secretário de saúde, Carlos Mosconi, vai contribuir para melhorar o atendimento, segundo Silvio Carlos, mas não resolverá o problema.



Creuza, Josefa e Neli: sem outra alternativa, o jeito era esperar